

GUILHERME MONTEIRO

# A FABULOSA ESTÂNCIA SÃO LAURO



1ª EDIÇÃO - 2019

# ARQUIVO DE DEGUSTAÇÃO

CONTENDO SUMÁRIO,  
E OS TRÊS PRIMEIROS CONTOS

*Os fundos de campo em Bagé possuem algo especial. Na imensidão do PoncheVerde existe um lugar mágico, onde é possível uma estância ser tão pujante, tão viva, que é capaz de abrigar um cenário onde o surreal e o natural são somente uma questão de convencimento. Quem conta um causo sabe, que embora não pareça, o que passou é a mais pura e assombrosa verdade. No campo, a poesia do imaginário se mistura com a que é contada, desde os mais antigos, em qualquer canto de galpão, ou beira de fogo, uma roda de causos da Estância São Lauro.*

---

Todos os direitos da obra reservados a Guilherme Monteiro

**Autor**

Guilherme Monteiro

**Ilustração de capa**

Cláudio Falcão

**Preparação de texto e revisão**

Heidi Gisele Borges

**Capa**

Rogério Matos

**Ilustrações internas**

Rodrigo Moura

Cláudio Falcão

**Diagramação**

Marcelo Amado

**Editor responsável**

Marcelo Amado

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Monteiro, Guilherme

A fabulosa Estância São Lauro / Guilherme Monteiro. -- São José dos Pinhais, PR : Estronho, 2019.

128 p. : il.

1. Contos brasileiros I. Título

CDD B869.8

19-2478

Índice para catálogo sistemático:  
1. Contos e brasileiros

Todos os direitos desta edição reservados à Editora Estronho  
São José dos Pinhais- Paraná - Brasil

 [estronhobook](#)  
 [estronho](#)  
 [estronho](#)  
 [estronho.com.br](#)

  
EDITORA  
**ESTRONHO**

## SUMÁRIO

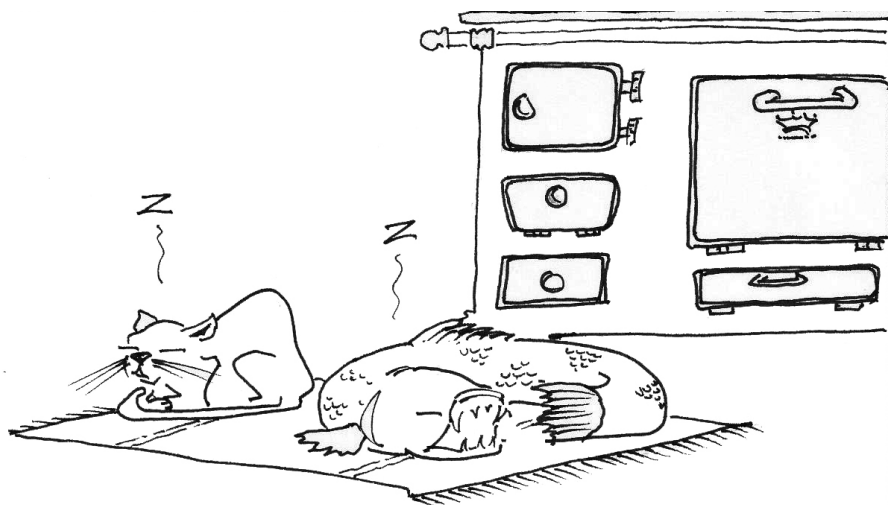
- A traíra guacha **6**  
A caturrita Rita **12**  
A palestra do Dr. Caio **18**  
O açude de ondas e o dourado marcado **24**  
A pescaria do dourado marcado **28**  
O jundiá que mamava na vaca **32**  
O problema das caturritas **36**  
O papagaio Carlitos **42**  
A energia autônoma do galpão **46**  
O televisor a lenha **50**  
Época de boas caçadas **56**  
O meio faz o homem **62**  
Um petiço para o sobrinho **68**  
O sumiço de Percival **72**  
O homem faz o meio (2ª parte) **78**  
Mais rápido que a tormenta **84**  
João Perdigão **88**  
Campeão de laço **94**  
A maior traíra do mundo **102**  
A roubada do Bola **108**  
Por engano **114**  
Com a palavra, o autor **120**



*D*edico esta obra à memória daquele que escolheu ser meu pai, Major Louraldino Pereira Monteiro, o homem que formou meu caráter e me fez gostar de uma boa história, ele que era um excelente contador. Em tempos de valores esquisitos, onde pais abandonam e vendem seus próprios filhos, sua presença me faz falta, mas sua ausência me inspira a tentar ser uma pessoa melhor, um pai melhor.

---

# A traíra guacha



FALCÃO  
2019



**A**o longo da minha vida no meio do mato a pescaria e as tantas turmas que reuni na volta de um fogo me fizeram conhecer os mais diversos causos e histórias, algumas verdades provadas por testemunhas confiáveis, outras nem tanto.

É difícil saber qual dos meus companheiros é o mais parceiro de aventuras, minha turma é grande, mas o Cel. Laurindo Gonçalves é uma figura rara. Proprietário de uma grande estância, que existe desde o seu bisavô, a São Lauro. O Coronel me convidou para ir lá conhecer a sua traíra guacha, criada na volta das casas, na sua bonita fazenda. Eu de pronto estranhei, achando se tratar de uma mentira, e lhe perguntei sobre a traíra, de onde tinha saído, afinal de contas eu imaginava que lugar de peixe era dentro de açudes e rios. Como seria possível isso?

Laurindo me contou que estava na primavera passada um lindo dia, e resolveu ir até o arroio que passa no fundo da fazenda pescar. Levara uns lambaris para usar de isca, que seu empregado conseguia na sanga de perto das casas. A sede da São Lauro tinha ainda um grande açude, bem ali na frente da casa principal, que nesta época encontrava-se aberto para uma enorme reforma que pretendia fazer. Atrás da taipa tinha um centenário umbu que deixava ainda mais linda a vista.

O entorno era todo muito bem cuidado, com o capricho habitual desta figura tão conhecida, um inovador estudioso das

coisas do campo, dos bichos, quase um inventor de modas, pois não é gratuito que, com o passar dos anos, se tornou Coronel, embora nunca tenha sido oficial do exército, esse era o seu posto à frente da potente fazenda.

Lá estava ele, pescando há duas horas quase, quando bateu o sino que havia prendido na linha, o velho sincerro que era de seu avô, e ao puxar, quase sem sentir o peso, tirou uma trairinha de cerca de um palmo.

Como era tradicional, e diziam que dava azar, ele não a devolveu, jogando-a do lado de uma pedra, já que era o primeiro peixe e serviria de chamariz. Já pensou o azar que poderia ter caso menosprezasse logo o seu primeiro peixe? O arroio estava fraco, corriam muito pouco as linhas, e ao fim do dia ele havia conseguido tirar mais uma grande somente, que iria levar para comer. A pequenina iria junto, para alimentar o gato.

Ao juntar as coisas viu que a trairinha ainda estava viva, embora já no seco há algumas horas, a pegou e pôs numa sacola junto com suas coisas. Chegando na sede, já no início da noite, foi limpar o peixe para comer, e nisso a pequena ainda viva saltou longe. Tentou pegá-la no chão, mas cada vez que ele se aproximava dava mais um pulo e se afastava. “Não queres vir, fica aí”, disse já brabo.

No dia seguinte, para espanto dele, a fazenda já estava em alvoroço, pois a trairinha permanecia viva, dormindo ao lado do cocho das galinhas beberem água. Juntou os empregados todos admirados, até os bichos ficaram ali curiosos com isso. Ele imediatamente ordenou a sua cozinheira: “Vamos criar guacha, prepara lá uma mamadeira de leite e vamos alimentá-la.”

E assim foi. A pequena virou o xodó da estância, gerando até ciúmes para ver quem a pegava no colo para dar

mamadeira. O curioso é que a trairinha virou amiga do gato, e o local preferido para ficar era debaixo do fogão a lenha, dividia já o prato de leite com o amigo felino, uma vez que crescera, e não tomava mais leite na mamadeira. Dormiam encostados um no outro. O tempo foi passando e a traíra passou também a comer carne picada e lambarizinhos da sanga, ela ia sozinha até lá para comer, já era um peixe quase adulto, independente.

*Mas que conversa é essa?*, pensei eu. Topei o convite e fui ver com os próprios olhos.

Chegando na estância, Laurindo me esperava com um belo almoço campeiro, daqueles feitos no fogão a lenha, um espinhaço de ovelha com massa, um panelaço de feijão, e mógango caramelado para a sobremesa. Era de roncar as tripas, só o cheiro já me aumentava a fome. Sem muitas cerimônias fui logo deixar minhas coisas no quarto de hóspedes e voltei para comer. A estrada estava feia, e demorei mais do que imaginava para chegar lá.

Após comermos, fomos espichar um pouco as costas nas redes da varanda da casa, e ali Laurindo me mostrou o açude da praia, um projeto digno dos grandes sheiks árabes, que mais ainda embelezava a São Lauro. Naquele dia estava calmo, tão calmo que até estranhei, parecia uma piscina tranquila. *Dever ser a lua*, pensei, *nem tem ondas hoje*.

Após descansarmos um pouco, fomos até a cozinha dos empregados para eu finalmente conhecer a traíra. Lá eu avistei ela, dormindo debaixo do fogão a lenha, encostada no gato, seu fiel amigo, desde os tempos de bebê trairinha.

Ele me disse: “Otaça, eu te convidei para vir aqui conhecer ela, pois já a tenho há vários meses, eu brincava com ela, ia na sanga junto para ela pegar os lambarizinhos dela, a safada era alegre e ativa. Tenho notado que após ela ter ficado grande,

entristeceu, já não brinca mais, vai com preguiça na sanga, fica só aqui deitada, pedindo comida para o gato. Já está com quase dois quilos ela”, disse ele assustado.

“Quero devolver ela para viver junto aos outros peixes, vamos lá comigo soltar ela”. Eu achei tudo muito lindo, pois naquele momento alguns empregados, afeiçoados com o peixe criado ali por eles, choravam no momento da despedida, até o gato parecia estar triste.



Laurindo a colocou num balde sem água e fomos até o arroio. Ao chegar lá, ele já foi logo falando: “Vai com Deus minha filha, volta para tuas irmãs”.

Os olhos da trairinha esbugalharam, quase que as lágrimas também, e em seguida a colocou na água no arroio. E assim foi ela, lentamente submergiu, e eu ali observando as bolhas ao afundar, até que percebi aquela coisa branca que boiou. Era a barriga da danada, lamentavelmente ela não resistiu, morreu afogada, para consternação geral.



A caturrita Rita

**N**ão é de agora a paixão pelos animais que Laurindo tem, desde criança criado solto na estância São Lauro, o coronel nutre tais sentimentos junto à bicharada. Seu avô também era uma pessoa que vivia entre os bichos, e suas histórias sempre foram muito conhecidas no meio rural.

Assim é com a sua amada caturrita, a Rita, uma dócil cocota que foi encontrada caída do ninho, ainda filhotinha. Laurindo vinha recorrendo o campo, próximo a um bosque velho de eucaliptos, quando o forte vento daquele dia derrubou um ninho, e nele estava a caturritinha.

Assim que a viu, o Coronel a colocou em meio a seus arreios e a levou para a sede da fazenda, para ser mais um de seus queridos mascotes. Seu batismo foi imediato, e assim que retornara da campareada lhe deu esse nome: Rita, sua nova caturrita.

Rita foi criada solta, desde os primeiros dias na fazenda já se mostrava um animal com uma esperteza ímpar, e rapidamente começou a aprender a falar, assim como entoar várias canções assoviando. Seu dono tem essa capacidade impressionante de criar e ensinar as mais diversas espécies, em especial as aves, como é o caso de seu papagaio Carlitos, que vive na casa da cidade.

Laurindo vive a maior parte de seus dias no campo, e isso também é um dos motivos do apego que ele tem pela

caturrita Rita, pois nos dias em que ele não está nas lidas campeiras, sem nenhum serviço, sua maior distração é a sua verdinha amiga.

Como de costume, ele a ensinou uma grande quantidade de truques e falas, a tornando uma ave distinta, ela parecia ser mais esperta, quase que com um pensamento próprio. Tinha respostas prontas às provocações das pessoas, que de cara ficavam encantadas com tudo aquilo que a bichinha era capaz de fazer.

O coronel gostava muito de se exibir com os seus animais domesticados, e fazia parte do ritual mostrar seus bichos a todos que iam visitá-lo. Na sede da São Lauro tinha de tudo, um lugar realmente diferente de todas as outras grandes fazendas dessa região pampeira. Rita era, sem sombra de dúvidas, o seu maior mimo, além de esperta, nunca conheceu uma gaiola, foi criada desde a sua chegada solta, e nunca saiu da volta das casas por mais do que alguns minutos, o que deixava seu dono muito tranquilo, pois a danadinha era praticamente independente.

Ele tinha um orgulho muito grande das suas experiências com os animaizinhos, e olha que não são poucos, peixes, aves, cachorros, gatos, na estância tem de tudo um pouco, e cada qual com suas diferenças, mas todos, com a mão engenhosa de seu dono, possuem uma habilidade especial.

A verdade é que ao longo dos anos ele se afeiçãoou mais com sua caturrita do que com os demais, isso era notório, sem deixar de gostar dos outros, mas Rita era a sua preferida, entre os bichos.

Uma grande data se aproximara, o dia do aniversário do dono da estância, cinquenta primaveras deste distinto homem. Festa grande por certo, pois seguindo a tradição antiga da família Gonçalves, junto a um grande churrasco, também era



organizada uma marcação. Vinham seus sobrinhos, os empregados com suas famílias, amigos da cidade, e quase todas as pessoas das estâncias da redondeza se reuniam para um final de semana inteiro de festividades.

Todos já estavam em alvoroço, e há muito o que fazer em véspera de festas grandes, a peonada apartava os terneiros para a marcação, o caseiro e a cozinheira aprontavam o entorno das casas, a deixando nos trinques para receber tanta gente neste evento.

Faltava uma semana para a data, e um grande problema apareceu, talvez até pelo movimento anormal da estância, Rita havia sumido. Tal desaparecimento foi uma verdadeira bomba para Laurindo, que tomado pelo desespero recorreu todo o campo em busca da sua amada caturrita e nada, nem sinal. O sumiço de Rita transformou o homem, que assim que percebera que ela não estava em lado nenhum da fazenda, entristeceu como uma criança de castigo.

O coronel ainda pediu para anunciarem no mensageiro da rádio Difusora para que as estâncias da volta tivessem a notícia do desaparecimento de sua querida cocota. *Talvez ela tenha se perdido*, pensava ele. E assim, espalhando para todos os lados a história, poderia ser que ela aparecesse. De fato, isso mexeu muito com ele, não havia um minuto sequer em que não pensasse nela. E assim os dias foram se passando, e a pobrezinha da Rita não voltava para casa.

“Ela nunca passou mais que alguns minutos longe de casa”, repetia ele de tanto em tanto, mostrando toda a sua dor, e ainda mais naquela data. Parecia que esse duro golpe tinha tirado a sua alegria pela grande festa que vinha sendo preparada.

Chegada a sexta-feira, véspera do aniversário, e as visitas começavam a chegar na fazenda, primeiro foram seus sobrinhos, depois alguns amigos antigos, os companheiros de caçadas

e pescarias, assim como as várias comitivas que vinham das estâncias da volta.

Laurindo não escondia sua decepção, mas como era um grande cavalheiro, recebia todo mundo, mas lhe faltava aquele sorriso, aquela mexidinha sarcástica no bigode quando se balaqueava de seus feitos. Seus empregados, percebendo sua tristeza, solicitaram que Antônia trouxesse Carlitos da casa da cidade com a esperança de animar um pouco o seu respeitado patrão, e imaginavam que essa surpresa poderia fazer o cabisbaixo coronel voltar a sorrir, mas nem isso o alegrou de verdade. Ver o seu papagaio falando, mais ainda o fez lembrar de Rita, só trouxe a certeza de que algo importante faltava para ele faltando para ele.

Amanheceu o dia de sábado, a estância lotada de gente para a festa, seu Edegar comandava mais dois peões à frente do assado, tinham matado uma vaca inteira e mais três ovelhas gordas, era churrasco forte. A criançada já preparava seus laços para os pialos da marcação, as velhas botavam em dia as fofocas na varanda. Em frente ao açudão da praia todos se divertiam muito, e Laurindo, cabisbaixo, se mostrava anestesiado, com o pensamento longe, imaginando o que poderia ter acontecido com Rita.

O meio-dia estava próximo, quase na hora de servir a carne, todos já se preparavam para cantar os parabéns, quando um forte ruído foi ouvido pelos presentes, igual a um trono. Ao se virarem para ver o que era, vinha no horizonte, por detrás da coxilha da estância uma grande nuvem, e num primeiro momento parecia tratar-se de uma tormenta forte.

A nuvem foi chegando mais perto da fazenda, e as pessoas logo juntavam seus casacos de chuva, quando perceberam que a nuvem era verde e se movia de uma forma distinta, até que surgiu aquela imensa quantidade de caturritas, tantas eram que formavam uma revoada imensa, milhares delas.

Ao se aproximarem da sede a grande surpresa, à frente do bando vinha Rita, carregando uma velinha acesa, e gritavam: “Parabéns, parabéns, parabéns, parabéns, seu Laurindo”. O dono, emocionado, enfim podia aproveitar sua festa, um grande alívio para todos que viram aquela inusitada cena.

# A palestra do Dr. Caio

**E**stava na agenda do Coronel, marcada para o dia 20 de janeiro, feriado municipal do padroeiro de Bagé, na sede da Associação Rural, uma palestra com o Dr. Caio Schimansky, especialista em aves, pesquisador experiente, um grande mestre no assunto. Tal conhecimento era muito relevante ao curioso Laurindo.

Ele também é apaixonado pela lida com os bichinhos, pois desde os tempos de guri, na Estância São Lauro, já vivia em meio aos mais diversos animais. As aves sempre foram parte de sua criação, e muitas são as experiências bem-sucedidas de Laurindo com as penosas. Seu papagaio Carlitos, a sua caturrita Rita, o cardeal de cabeça azul, entre tantos outros raros espécimes que convivem com ele.

Laurindo passou vários dias se preparando para a palestra, carregava uma tremenda ansiedade, estudou bastante, apontando algumas dúvidas em sua agenda pessoal, a fim de aproveitar o máximo do conhecimento do Ornitólogo. Aquele verão era passado da conta de quente, a seca rondava a região, com longos períodos de estiagem.

Um dos costumes dos homens do campo é a sestiada após o almoço, uma dormida rápida é capaz de renovar as ideias do vivente, o que naquele calor era uma tarefa mais complicada, o sono ficava mais leve e qualquer barulho impedia um bom descanso. Uma situação que estava bem complicada era o problema das caturritas, que se acumulavam às pencas,

principalmente no velho umbu que ficava abaixo do açude do potreiro das casas.

Laurindo tinha na São Lauro a Rita, uma caturrita criada por ele, também muito inteligente, faladeira, sua grande amiga verde. Poderiam ser talvez atraídas para o umbu pelas cantorias de Rita, e aquele monte de cocotas juntas já estavam atrapalhando o descanso do meio-dia de toda a estância.

Nos primeiros dias ele pegava seu pistolão calibre 28 e dava dois tiros para cima, a fim de espantar as caturritas, pois não era sua intenção matar nenhum passarinho na volta das casas. A solução não funcionava muito bem, caturrita é um animal muito esperto, e logo ao perceberem que os tiros eram para afugentá-las do umbu, em cinco minutos já voltavam para a bela árvore.

Com o passar dos dias, bastava o Coronel sair com a arma na mão que as danadas voavam para um pouco mais longe, retornando logo que ele entrava de volta na casa. *Como pode*, pensava ele, *eu, um homem prático e de soluções, estar sofrendo com estas caturritas safadas. Bom, um jeito eu vou dar!*, bradava ele falando sólito, enquanto lia alguns livros, na sua preparação para a tão esperada palestra.

Chegado o dia 19, Laurindo partiu em sua possante Rural para Bagé, no outro dia de manhã era o evento, e ele ia aproveitar a ida para a cidade para arrumar com a Antônia a casa, pois na outra semana ele iria para o Cassino organizar a chegada da areia para a praia do açude, e queria deixar tudo bem recomendado para os dias em que estaria fora.

Durante a noite, em casa, ele aproveitou que estava profundamente envolvido com os estudos e ficou um par de horas molequeando com Carlitos. Ensinou alguns novos assobios, algumas falas, e o alimentava despacito, com minhoquinhas que havia trazido da estância. Ali ao lado, no pátio interno

da casa, estava um pinto que ele levou para Antônia criar na cidade, que de vez em quando ganhava de regalo do patrão uma minhoca também. O pinto sempre com o mesmo piado, suave e constante, enquanto Carlitos trocava o tom, quase que constantemente. Laurindo tentara algumas vezes já fazer o pinto falar, ou recitar algum dos assobios que ensinara ao papagaio, mas nada mudava, era sempre o mesmo “piu, piu, piu”.

Amanheceu o dia, e logo cedo o Coronel andava de pé, Antônia o esperava na sala de jantar com um lindo café montado à mesa, e ele aproveitou enquanto comia para fazer mais umas anotações na sua agenda. “Quero ver se este doutor sabe mesmo”, resmungou. Bem antes da hora marcada ele entrou no salão nobre da Associação Rural, e se abancou nas primeiras cadeiras, nem mesmo o palestrante havia chegado ainda, e ele encontrava-se lá, a coçar o bigode enquanto aguardava o ornitólogo famoso.

Aos poucos algumas pessoas foram se sentando, poucas, na verdade, até que o Dr. Caio entrou, cumprimentou a todos os presentes e rapidamente começou a preparar a sua aula. Laurindo pensava ali que talvez o feriado tivesse espantado os outros, pois na sua imaginação o salão estaria lotado de gente, mas nem todos se interessam pelas aves que nem ele.

A palestra vinha na normalidade e Schimansky falava de maneira geral sobre as aves, aplicando seu conhecimento de doutor na área, e mostrava as diferentes formas de criação, voltado, é claro, para as estâncias, já que era o público-alvo da aula. Esses assuntos pareciam não chamar a atenção de Laurindo, que sempre saía com perguntas distintas ao que o ornitólogo falava, puxando sempre para a sua capacidade de domesticação de animais, entre tantos dentro da sua vasta experiência na estância.

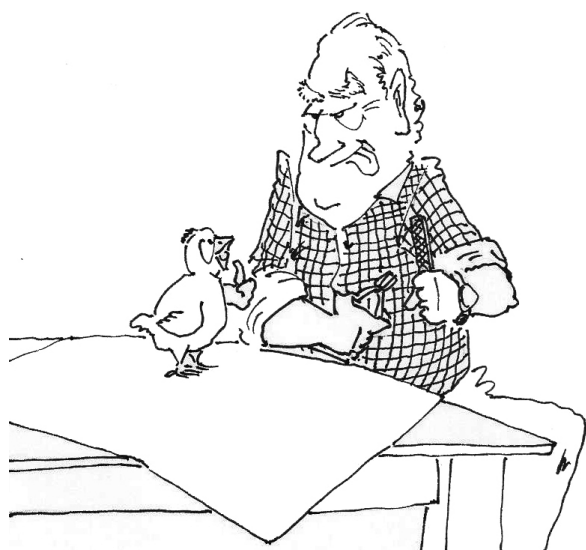
Quando o doutor começou a falar sobre os cuidados para criar pintos, o curioso Coronel mais uma vez lhe interrompeu e disparou: “Eu tenho outra dúvida, dr. Caio”. “Pois não, Coronel, vamos ver se posso saná-la”, respondeu. “Por que pinto não consegue falar que nem os papagaios e as caturritas?”, questionou, escutando atentamente a explicação: “Isso é simples, o formato do bico, assim como o da língua é o principal motivo, ele só faz com que os pintos consigam piar, diferente do papagaio, que consegue com o seu bico até pronunciar algumas palavras”.

Laurindo, encucado com a resposta, a partir daquele momento ficou pensativo, não fez mais nenhuma pergunta. Até que findou a palestra, ele se despediu rápido de todo mundo e correu para casa. Ao chegar, nem deu conversa para ninguém, pegou uma pequena tesoura e uma lima, e deu um grito para Antônia levar o pinto para dentro. Nisso ele pegou Carlitos e pôs em cima da mesa e largou alpiste ali para o papagaio não sair.

Antônia chegou com o pintinho na mão e o entregou ao Coronel, que atou o seu biquinho com uma fita para não levar nenhuma bicada, e começou lentamente a picotar e lixar. Ele tirava uma pontinha e olhava fixamente para Carlitos, e assim foi por duas horas, cortando, lixando, cortando, lixando.

Deixou igualzinho o bico de um ao de outro, arredondou a ponta da língua dele, o homem era muito hábil em tratando-se da bicharada. Ao fim ele vagorosamente foi desenrolando a fita, liberando o pintinho, que virou para ele e disparou: “Muito obrigado, seu Laurindo!”





FALCÃO  
2019

FIM DO ARQUIVO DE DEGUSTAÇÃO

SIGA-NOS NO INSTAGRAM  
@ESTRONHO